



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA INGLESA

JOÃO VICTOR LIRA MANGABEIRA MAIA

COLONIALISMO, CULTURA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: A LÍNGUA INGLESA
COMO PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE

Cajazeiras – PB

2023

JOÃO VICTOR LIRA MANGABEIRA MAIA

**COLONIALISMO, CULTURA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: A LÍNGUA INGLESA
COMO PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras – Língua Inglesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus de Cajazeiras*, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Inglesa.

Orientador: Prof. Dr. Fabiane Gomes da Silva

Cajazeiras – PB

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

M217c	<p>Maia, João Victor Lira Mangabeira Colonialismo, cultura e variação linguística: a língua inglesa como patrimônio da humanidade / João Victor Lira Mangabeira Maia. - Cajazeiras, 2023. 43f. Bibliografia.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Fabiane Gomes da Silva. Monografia (Licenciatura em Letras-Língua inglesa) UFCG/CFP, 2023.</p> <p>1.Língua inglesa. 2. Patrimônio da humanidade 3.Colonialismo. 4. Cultura. 5.Variação linguística. I. Silva, Fabiane Gomes da. II. Título.</p>
UFCG/CFP/BS	CDU – 811.111

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

FOLHA DE APROVAÇÃO

Banca Examinadora

Monografia aprovada em 14 / 02 / 2023



Prof. Dr. Fabiane Gomes da Silva
Orientador



Prof. Dr. Francisco Francimar de Sousa Alves
Examinadora 1



Prof. Me. Ferdinando de Oliveira Figueirêdo
Examinador 2

Prof. Dr. Elinaldo Menezes Braga
Suplente

*The Light lives in all places... in all things.
You can block it... even try to trap it. But the
Light always finds its way.*

The Speaker

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Francisco Erivan Mangabeira Maia e Jarlene Lira Maia, que são base do que entendo como amor verdadeiro e força motriz do meu caminhar.

A minha família, em especial a minha tia Janilene Porfirio Lira, que se fez presente em minha tenra infância e participou de minha criação, e aos meus tios João Eudes Formiga Cartaxo e Elsa Maria Maia Cartaxo, que custearam meus estudos e, assim, me possibilitaram chegar aqui.

Aos meus estimados amigos e colegas de curso, em especial Ana Beatriz da Costa Melo e Flávia Saraiva Pereira, que tanto contribuíram na minha formação como estudante, profissional e ser humano.

Ao meu prezado professor e orientador Dr. Fabione Gomes da Silva, e a tantos outros professores que tanto contribuíram para minha formação quanto como modelos do que tenho, por intento, me tornar.

A todos que, direta ou indiretamente, fizeram, fazem e continuarão fazendo parte da minha caminhada.

RESUMO

A língua inglesa tem sido, por muito tempo, sido fonte de discussões quanto às razões para sua adoção como idioma das relações internacionais em detrimento de outros, o que gera assim, questionamentos sobre: sua função social, percepção como resquício colonial, ferramenta de dominação, de manutenção de poder, protagonismo social e impositora de padrões comportamentais. Por esta razão, este TCC tem como objetivo geral, observar as línguas - em especial a língua inglesa - por uma ótica humanista de valorização do social em busca de debatê-las como patrimônio da humanidade. E, de forma mais específica, analisar e debater o colonialismo e seus substratos sociais, a cultura como meio de valorização de sujeitos e suas identidades culturais, e destacar as variações linguísticas como fenômeno natural e traço de uma heterogeneidade linguística e cultural que rompe com o pensamento colonial de língua(gem) como simples ferramenta de opressão. Para tanto, fez-se necessário investigar, por meio de revisão bibliográfica, os processos históricos e culturais da propagação da língua inglesa pelo globo terrestre, e ao compreender como se comportou em história corrente, relacionar a sua disposição atual à conjuntura do mundo. Para tal, como fundamentação teórica foram utilizados autores como: Harari (2012), Bakhtin (2006), Parker (1995) e Anjos (2017), para retratar às origens da espécie humana, os conceitos de língua e linguagem, o expansionismo do império britânico e o surgimento da Linguística Aplicada (LA); Torres (2007), Santos (2009), e Mignolo (2007) ao debater sobre colonialismo e cultura; Brown e Attardo (2005), Calvet (2002) e Hooks (2013), sobre variação e sócio(linguística). Dessa maneira, tem-se retratada, a língua(gem), enquanto produtora e/ou produto das interações humanas, perpassa sua condição de estrutura comunicativa e se faz essência de enriquecimento cultural, ao passo que transfigura estruturas sociais de percepção de língua como vilã e desviante, dada a ausência de ímpeto em estruturas imateriais e não humanas.

Palavras-chaves: Língua Inglesa; Patrimônio da Humanidade; Colonialismo; Cultura; Variação Linguística.

ABSTRACT

The English language has, for too long, been a source of debates regarding the reasons for its adoption as a language of global relations to the detriment of other languages, thus raising questions concerning its social role, perception as a colonial remnant, a mechanism for domination, maintenance of power, social protagonism and imposition of behavioral patterns. For this reason, this TCC has the general pursuit of observing languages - particularly the English language - from a humanist standpoint of valuing the sociable, aiming to discuss them as a heritage of humanity. More particularly, to analyze and discuss colonialism and its social substrates, culture as a means of valuing people and their cultural identities, and highlighting linguistic variations as a natural phenomenon and a trait of linguistic and cultural heterogeneity that spoils traditional way of thinking about colonial language as a simple means to oppression. Therefore, it was necessary to investigate, through a bibliographic study, the historical and cultural processes of the English language's expansionism, understand how it behaved in present history, and describe its current arrangement in the global state. To this end, authors such as Harari (2012), Bakhtin (2006), Parker (1995), and Anjos (2017) were used as theoretical bases to portray the origins of the human species, the concepts of language, the expansionism of the British Empire and the emergence of Applied Linguistics (AL); Torres (2007), Santos (2009), and Mignolo (2007) over discussing colonialism and culture; Brown and Attardo (2005), Calvet (2002) and Hooks (2013) on sociolinguistics and linguistic variation. Thus, we infer that language as a producer and or product of human interactions permeates its state as a communicative structure, and it becomes the essence of cultural enrichment, wherefore it transfigures the social construction of perception of language as a villain and deviant, given the lack of impetus in immaterial and non-human structures.

Keywords: English Language; Heritage of Humanity; Colonialism; Culture; Linguistic Variation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. HISTÓRIA DA LÍNGUA INGLESA.....	11
1.1 O que é Língua(guem)?.....	12
1.2 As Grandes Navegações e o Império Inglês.....	15
1.3 Linguística Aplicada (LA), Pós-método e Segunda Guerra Mundial.....	18
2. COLONIALISMO E CULTURA DE MUNDO.....	21
2.1 Colonialismo e Colonialidade.....	22
2.2 Cultura e seus Conceitos.....	25
2.3 Conceitos de Cultura.....	27
3. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E LÍNGUA COMO PATRIMÔNIO HUMANO.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

Muitos fatores contribuíram para a atual conjuntura social de distribuição das línguas pelo mundo, desde a primazia da espécie humana como caçadores coletores que, de tempos em tempos, migravam para outras regiões do globo em busca de alimento, até o expansionismo Europeu e suas medidas de imposição da língua nos territórios que avassalaram. Para a língua inglesa, os Estados Unidos da América tiveram grande papel, haja vista seu estabelecimento como uma poderosa nação nos períodos de primeira e segunda guerras mundiais, também colaboradores no processo migratório, no auxílio do esforço militar, na venda de armamento e em inúmeras conquistas tecnológicas durante a Guerra Fria e até mesmo pela propagação de suas produções artísticas e culturais, o que ajudou a vender o almejado sonho americano.

A questão é que a língua inglesa foi alçada ao patamar de protagonista de um mundo global, em que todas as relações bilaterais estabelecidas pelos países do mundo perpassam sua utilização como meio de comunicação, mesmo no caso em que nenhum dos países envolvidos a tenha como língua oficial. Na história recente, tal alcance alçou o inglês ao *status quo* de língua franca, pois não é só a língua utilizada para as relações internacionais, como também é a mais falada por não nativos no mundo.

Todo esse protagonismo, porém, gera discussões quanto a pautas sociais de questões identitárias mediante indissociação entre língua(gem) e cultura, o que implica que, na utilização de um determinado idioma para estabelecer relações com povos de outros países, acentua favorecimento e ultra exaltação de um grupo linguístico que se mostra cada vez maior, a outro. E, para além de um suposto enaltecimento da construtos produzidos no campo da língua inglesa, acentua-se as cicatrizes históricas de domínio e opressão produzidas pelas incursões imperialistas inglesas em inúmeros territórios pelo globo, o que faz pairar nas mentes/corações dos povos das ex-colônias o pensamento/sentimento de injustiça sob reconhecimento da língua do colonizador como a mais aprazível à comunicação entre os povos.

Assim, neste trabalho, discutem-se os conceitos de língua(gem) para além de ferramenta comunicativa, de intuito analisar fatores identitários quanto às produções culturais ao relacionar língua(gem) como matéria constituinte da espécie humana, e assim, destituir narrativas delimitadoras de sujeitos em compreensão de estruturas socioculturais como propriedade de dada nação, povo e/ou grupo étnico. Para tal, na elaboração desta pesquisa,

foram consultados obras de pesquisadores filósofos, sociólogos, linguistas entre outros escritores, que pudessem corroborar com os temas aqui abordados, sendo alguns deles: Harari (2012), Bakhtin (2006), Parker (1995), e Anjos (2017), quanto a história da língua inglesa; Torres (2007), Santos (2009), e Mignolo (2007) no que é levantado sobre colonialismo e cultura de mundo; Brown e Attardo (2005), Calvet (2002) e Hooks (2013) para valorização e defesa de uma análise mais humanista de língua(gem).

Portanto, são aqui abordados, no primeiro capítulo: alguns conceitos de língua, fala e linguagem em formação da espécie humana; um breve relato sobre o período das grandes navegações, expansionismo dos impérios europeus e a propagação da língua inglesa; a segunda guerra mundial, o surgimento da linguística aplicada (LA) e atual era pós-método. No segundo capítulo são abordados o colonialismo e seus substratos sociais, que perduram à atualidade, de colonialidade e decolonialidade, tendo a cultura como construto social presente em ambos os processos. Por fim, no terceiro capítulo, são abordados as variações linguística como marcas identitárias da língua(gem) forjadas pela fala dos colonizados e meio de compreensão do pluralismo sociocultural oriundo do ser humano para assim, desmontar preconceitos sobre a língua inglesa, por muito antropomorfizada em criatura dantesca, em clareza de ausência de vontade naquilo que não é ser, para então defender a língua(gem) como patrimônio inalienável dos que a produzem, a humanidade.

Por fim, para que possa prosseguir, acho importante ressaltar que, neste trabalho, busco descrever ideias e conceitos de uma ótica humanista e de valorização do social, pois são estas características intrínsecas que me constituem como pesquisador, na busca de compreender o mundo, seus grupos e as distintas áreas do saber como manifestações humanas, em desígnio do auto-aperfeiçoamento e disseminação de saber.

Estes são alguns dos conceitos sobre os quais me baseio para produção deste trabalho e das ideias que aqui exprimo. Este é o juízo sobre qual discutirei nos capítulos subsequentes a língua, de modo a centrar sua caracterização como objeto significador, que compõe a linguagem e os meandros dos seus construtos sociais, históricos e culturais provenientes de sua praticabilidade.

1. HISTÓRIA DA LÍNGUA INGLESA

Neste capítulo, são apresentados em três tópicos, os pontos basilares que sustentarão as discussões sobre os temas a serem abordados nos capítulos subsequentes, de forma a elucidar as ideias principais. Assim, abordam-se conceitos tais como os de língua(gem), relacionando-os às suas origens, para que em seguida possa adentrar aos processos históricos que levaram a língua inglesa (doravante LI) para além das fronteiras da Grã-Bretanha, de maneira a relacionar a disseminação do inglês - de forma compulsória - no decorrer dos séculos, pelas colônias do império, à sua hegemonia mundial, que a alçou de anglo-saxão ao status quo de língua franca.

Para tanto, será feito um breve apanhado histórico sobre a origem da espécie humana e os primeiros falantes dessa língua, seguido pela delimitação de alguns conceitos fundadores de língua(gem) em face da sociedade. Em sequência, as explorações marítimas e territoriais inglesas instigadas pelas grandes navegações portuguesas e espanholas em meados dos anos 1600, e o enriquecimento dos reinos de Portugal e Espanha mediante a extração das riquezas estrangeiras. Em seguida, será retratado o surgimento da Linguística Aplicada (doravante LA) como ciência aplicada, voltada ao ensino de LI e como adquiriu caráter social ao expandir seu escopo para as problemáticas oriundas das interações humanas mediante o uso da língua(guem).

1.1 O que é Língua(guem)?

Antes de tratar das colonizações e dos processos delas oriundos, que levaram ao expansionismo do império britânico e à disseminação da língua inglesa ao redor do globo, faz-se necessário definir os conceitos de língua(gem) que irão alicerçar as discussões por vir. Assim, sempre que, neste texto, recorrer à língua(gem), farei de maneira a evocar tais conceitos.

Na busca de delimitar tais conceitos, se faz necessário estabelecer a função e, para tanto, a origem das línguas. Sim! no plural, pois trata-se de uma aptidão do gênero *homo*¹ - progênie de nossa espécie - e como tal se manifestou de diversas formas e em mais de um

¹ O gênero *homo* (homem) derivado do latim, remete a família a qual a espécie humana, *homo sapiens* (homem sábio), está inserida, junto aos seus já extintos irmãos, o *homo neanderthalensis* (homem do vale do Neander), *homo erectus* (homem ereto) entre tantos outros que outrora caminharam sobre a superfície terrestre. (HARARI, 2012).

subtipo de primata, os quais viveram em diferentes partes do globo e evoluíram para o que somos: seres racionais, sensíveis, dotados de polegares opositores, função neural, cognição e pela praticabilidade de alguns destes, competência linguística.

Segundo Fischer (2009), os primatas, ancestrais da humanidade, dispunham de atributos neurais para produção de distintas formas comunicativas apesar de desprovidos do controle de membros do aparelho fonador. Segundo ele, o *homo erectus* que viveu na terra por volta de 1 milhão e meio a 2 milhões de anos atrás, foi o primeiro homínido a realizar o feito da fala (ainda que rudimentar), pois acreditasse que sua organização em sociedade, o que os permitiu migrar para outros territórios como as demais espécies de animais, era propícia de sua capacidade de se comunicar com os demais membros daquela comunidade, e até mesmo de inferir causalidade a possíveis situações.

A implementação social de um planejamento complexo demanda um alto grau de cooperação social. Isto implica o uso de uma linguagem que permita uma sintaxe condicional (frase significativa e sentença sequencial): 'se fizermos isto, acontecerá isso e aquilo'. Parece apropriado concluir(...) o *Homo erectus* era capaz de expressar tal forma de proposição condicional em sua fala. (FISHER, 2009, p. 49).

Isto implica que, a capacidade comunicativa caminha no gene humano antes mesmo da formação do que entendemos como este ser, pois o ser humano busca desde o princípio de sua composição, a segurança no pertencimento e como consequência disso, viver em sociedade. Desta maneira, pode-se compreender a língua(gem) como parte do que se entende por humano, pois ela o habita e faz parte da sua história como ser. É, por certo, um dos fatores responsáveis não só pela sobrevivência desta espécie como também por sua evolução, ao tornar possível a interação e as relações sociais por meio de sua materialização textual como constitutiva das realidades do mundo. Tais pontos nos levam à questão chave do que se faz presente no terceiro capítulo: a língua(gem) como uma competência inerente à condição humana e, por conseguinte, patrimônio dela.

De forma sintética, a linguagem é a manifestação das interações humanas nas mais diversas formas, podendo ser observadas através de expressões fisionômicas, gestos, sinais, e pela língua que nada mais é que um tipo de linguagem, porém expressa pelo uso de palavras. As palavras por sua vez compõem distintos tipos de línguas, que por divergência de significados quanto aos significantes, torna possível sua divisão em mais de um idioma, como o português, inglês, espanhol, japonês entre outros. (FARACO e MOURA, 1999).

Não obstante, considerações sobre suas origens, a materialidade da língua, quando observada pelo critério da inteligibilidade mútua², se dá mediante interação, e é a partir deste colóquio, que compõe-se a linguagem em suas vastas formas de manifestação, haja vista a sociabilidade da espécie humana. A nível de exemplo, em *Os Gêneros do Discurso*, Bakhtin (2003) aborda os conceitos de língua(gem) de uma perspectiva discursiva de base enunciativa ao passo que defende a linguagem como ferramenta comunicativa e multifacetada, e apresenta a língua por um prisma multiforme de composição da vida e das atividades humanas quando diz que “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos(...)” e que “é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2003, p. 276).

Saussure (2006) por sua vez, em sua dicotomia entre língua e fala retrata a língua como instrumento capaz de correlacionar imagens acústicas a conceitos, se fazendo concreta, homogênea e objeto constituinte (integrante) da linguagem, portanto, passível de análise, enquanto apresenta a fala como ato sapiente, heterogêneo e individual. Ou seja, a língua como ferramenta social para interação perpassa a fala de maneira a se traduzir em: identidade de sujeitos e grupos sociais, raciais, religiosos, étnicos e/ou ideológicos; composição de estados e nações; acepção de pessoas que não correspondem a determinados grupos e uma miríade além.

Isto posto, Janson (2015, p. 33) traz em seu texto uma passagem que retrata a força oriunda de estados-nações que remete às relações de poder já estabelecidas.

O português e o espanhol são promovidos por Estados independentes, estáveis, e pelo suporte sólido de milhões de falantes. Essas línguas facilmente conservarão seu *status* e seus nomes, a despeito do que pensarem os especialistas em línguas. Em contrapartida, os falantes de línguas sã e australianas são minorias reduzidas, marginalizadas nos Estados a que pertencem e têm muito menos influência do que os especialistas que estudam suas formas de falar. Por conseguinte, os especialistas são mais ou menos livres para aplicar nomes, a fim de separar ou juntar os modos de falar de acordo com princípios linguísticos.

É interessante observar que, apesar das línguas português e espanhol compartilharem de certa congruência comunicativa no que tange a possibilidade dos falantes desses idiomas se compreenderem, o que implica na arguição da inteligibilidade mútua, são ambos considerados idiomas diferentes. Seja por fatores, históricos, culturais e/ou linguísticos, é evidente a divisão marcada pela força de duas grandes nações que, como consta no próximo tópico, independem

² Inteligibilidade mútua é a ideia de que se duas pessoas conseguem se entender é porque falam a mesma língua. (SIQUEIRA, 2021)

de validações externas para exaltar suas independências e identidades dentro daquilo que acreditam os desagregar como grupos distintos.

Desta maneira, observa-se que a língua(gem) perpassa a simplicidade da capacidade cognitiva de fala, pois apesar de funcionarem como tal, cobrem uma área muito mais completa entre os fluxos de consciência e exteriorização de pensamentos entre os sujeitos e suas consequências histórico-evolutivas. Assim, percebemos o historicismo dos conceitos susoditos, desde os princípios de subsistência de uma espécie em necessidade de estabelecer relações comunicativas e assim prosperar, até os complexos monólitos sociais humanos sobre os quais são estabelecidas as relações de poder entre os povos.

1.2 As Grandes Navegações e o Império Inglês

Após estabelecidas origens e conceitos de língua(gem), partimos agora para o período histórico conhecido como as grandes navegações, que decorreu entre os anos de 1500 e 1700, e que ficou marcado por grandes descobertas e revoluções. Logo, são relatados os processos históricos que auxiliaram na disseminação da língua inglesa pelo mundo, pois foi neste período que os povos europeus começaram a explorar os oceanos em busca de expandir seus territórios e, com isso, suas riquezas e influência (poder), sendo os reinos de Portugal e Espanha os primeiros a partirem em direção ao Atlântico para se aventurarem em terras distantes.

Assim, para que possamos compreender o que levou ao expansionismo da Grã-Bretanha pelo mundo, precisaremos observar os contextos socioculturais dos povos do antigo continente, nesta época, para então delimitar, no próximo tópico, os sincronismos e diacronismos históricos de análise de língua inglesa em diferentes momentos do tempo e então traçar uma linha temporal em direção a segunda guerra mundial - período histórico que movimentou grandes mudanças no modelos de ensino de língua - e subsequente surgimento da Linguística Aplicada (LA).

Passemos então para o final do século XV em que, segundo Parker (1995), a Europa se encontrava em um período de transição para uma sociedade mais civilizada, que ainda se encontrava às sombras dos grandes impérios Otomano, Safávida e do maior entre eles, o Império Ming, da China. Vale ressaltar que as sociedades dessa época eram em sua maioria extrativistas e pastoreias, o que implicava nas relações de oferta e demanda que, em parte, como nos dias atuais, determinam a riqueza de um povo. Como o império Chinês contava

com uma das maiores populações da época, com uma estimativa de mais de 100 milhões de habitantes, era certamente uma das mais opulentas civilizações.

Porém, o mundo ainda não era totalmente conectado.

Em 1480, os mais importantes povos de navegadores estavam separados por mares não-mapeados e por continentes com extensão e forma ignoradas. A navegação marítima regular europeia se restringia ao Atlântico Norte, Mediterrâneo e Báltico. A costa, desde o Gabão até Moçambique, era desconhecida pelo transporte marítimo regular de longa distância. Nas Américas, nas costas do Equador e Peru e no Caribe, praticava-se navegação marítima com balsas e jangadas. (PARKER, 1995, p. 152).

É neste momento que algumas nações europeias percebem a necessidade de expandir os seus domínios, pois ao longe, observavam o enriquecimento do Oriente Médio e o crescente número de adeptos do islamismo pela Ásia e parte da África, o que se apresentava como ameaça aos padrões de vida europeu, que poderia em dado momento ser suplantado pelas culturas orientais. Porém, como afirma Parker (1995), no futuro essas relações viriam a se inverter com a expansão europeia pelas américas.

Podemos então compreender que, em meio a uma era de incertezas, produtos de elevado valor de troca exprimiam *status* de riqueza e poder, e sob essa garantia, a ganância por acúmulo de bens levava a humanidade em direção a invasões, conflitos, chacinas, escravidão, e entre tantas outras atrocidades, à agressão, supostamente, justificada como medida de autopreservação.

Os espanhóis ocuparam toda a América Central e do Sul, com exceção do Brasil. Comportaram-se como conquistadores impiedosos. Em alguns lugares, os espanhóis encontraram Estados importantes que eles venceram e destruíram com rapidez brutal. Um episódio famoso é o de quando o aventureiro Pizarro conseguiu derrubar o imenso império inca na costa oeste da América do Sul com pouco mais de duzentos soldados e trinta cavalos. (JANSON, 2015, págs. 195-196)

Desta forma, se deu a totalidade da expansão marítima europeia pelos séculos XV e XVI, com o pioneirismo espanhol e português, seguida pela adesão da Holanda, França e Grã-Bretanha nos séculos seguintes. Foi tanto uma expansão quanto uma corrida, pois com a descoberta das rotas marítimas para as Américas, todos queriam a garantia de uma faixa de terra. E o reino de Portugal se mostrou ávido nesse aspecto, pois tomou para si grande parte da América do Sul e com o tratado de Tordesilhas³ (1494) traçando uma linha que restringia aos espanhóis o acesso de uma grande área de exploração, já que a Ilha de Vera Cruz - o

³ O Tratado de Tordesilhas foi um acordo assinado pelos reinos de Portugal e Espanha que demarcavam faixas a serem exploradas por ambos os reinos de terras sul-americanas. (BOWN, 2013).

Brasil - se mostrou no decorrer dos séculos, com a extração de ouro, pau brasil, café e cana de açúcar, uma terra de riquezas infindáveis.

Nesse momento em que Portugal e Espanha já haviam se estabelecido e cresciam com a extração de matéria prima das terras encontradas, os países do norte europeu, que já vinham estabelecendo relações comerciais nas ilhas do Caribe, começaram a se mobilizar em direção ao oriente. Assim, formaram-se as Companhias Holandesa e Inglesa da Índia Oriental para competir “no comércio com mercadores locais ou da Europa, obedecendo aos termos dos governantes asiáticos e sobrepujando os rivais europeus”. (PARKER, 1995, pág. 156). Porém, com o tempo, voltaram seus olhares para as Américas dessa maneira buscando expandir ainda mais seus domínios.

A chegada dessas nações, como já citado, eram na maioria das vezes marcadas por invasões e violência, pois buscavam se estabelecer para assim conquistar grandes fortunas com as matérias primas ali encontradas. Parte desse processo envolvia a abolição das línguas nativas e implementação da língua dos colonizadores, fosse para eliminar a maior parte dos nativos ou para escravizá-los, e assim, a eles impor uma nova língua. Isso ocorria como uma forma de manutenção de poder, desta maneira se fazendo maioria, como explica Janson (2015) em uma passagem de seu livro *A História das Línguas: uma introdução*, sobre as colonizações hispânicas e a predominância da língua espanhola na América.

Os espanhóis migraram para a América em números bastante grandes. Sua administração era eficiente, comparativamente falando, e eles tinham uma língua escrita. Também tiveram sucesso na derrubada e destruição dos grandes Estados existentes. A população indígena, que desde o início não era muito grande, rapidamente encolheu, em parte por causa da varíola e outras doenças[...] Em poucas gerações, os falantes de espanhol eram uma considerável maioria e estavam no controle de todo o poder político. (JANSON, 2015, págs. 196-197).

Janson (2015, p. 197) mostra como esse processo se repetiu com outras nações e em outras partes do globo quando diz que

Na parte leste da América do Norte, ocorreu uma verdadeira corrida por colônias: os principais participantes foram Inglaterra, França, Holanda e Suécia. Cada Estado introduziu sua própria língua. O holandês e o sueco logo desapareceram, e o francês permaneceu sobretudo na província do Quebec, no Canadá, enquanto o inglês foi notavelmente bem-sucedido. [...] Mas o grande crescimento ocorreu no século XIX, quando os Estados Unidos se expandiram para o oeste e multiplicaram sua população diversas vezes, sobretudo graças à imigração europeia.

Porém, vale pontuar a existência de certas diferenças nos modelos de colonização desses países, haja vista as colônias portuguesas e espanholas serem de exploração, o que compete que os interesses das cortes dessas nações estava apenas na extração dos bens visando o auto-enriquecimento e se fazendo perdurar por séculos, já a corte inglesa mantivera seu jugo sobre alguns desses territórios por bem menos tempo, haja vista alguns deles se tornarem colônias de povoamento - como é o caso dos Estados Unidos - que eram, em grande parte, compostas por imigrantes da Eurásia e África, que buscavam na América, liberdade, oportunidade e promessas de riquezas.

Ulteriormente, e em detrimento desses processos observa-se que a expansão da língua inglesa é oriunda de vários fatores, desde as colonizações, que proporcionaram exponencial diminuição no número de nativos destas terras, mediante massacres, doenças e a imposição do idioma para aqueles que eram escravizados, até a rápida e crescente imigrações ao longo dos séculos, o que aumentou ainda mais o número de infantes nascidos nativos desse idioma.

Acrescento ainda, que os braços do império britânico se estenderam para muito além de algumas colônias na América, pois, como já citado, a corte inglesa dispunha de terras no Caribe e no Oriente, como é o caso da Índia que foi por muito tempo uma de suas colônias, assim como Hong Kong na China, e a Austrália e Nova Zelândia na Oceania, além de alguns outros territórios na África. E assim, com o passar dos anos, os Estados Unidos da América “seguindo os passos dos europeus, impuseram seu domínio sobre Porto Rico, Filipinas e outras ilhas do pacífico além de iniciar um processo de controle dos assuntos latino-americanos” (PARKER, 1995, p. 202), o que deu continuidade aos modelos de expansão imperialista pelo globo que marcam a história da humanidade.

Então, apesar da Inglaterra ter sido, em dado momento da história, um grande império e em grande parte, responsável pela difusão do inglês pelo mundo, esse movimento estava longe de acabar. No próximo tópico, tem-se então mais alguns passos dessa epopeia e seu agravamento decorrente de um dos maiores eventos da história da humanidade, a segunda guerra mundial (1939-1945), e por ela os desdobramentos que influíram em novas vertentes científicas e áreas de estudo de línguas.

1.3 Linguística Aplicada (LA), Pós-método e Segunda Guerra Mundial

Ao falar de Linguística Aplicada (LA), podemos traçar uma linha em direção ao passado, que nos levaria a antigas civilizações como Roma e Grécia, onde linguistas

acreditam ter sido a origem dos estudos linguísticos. No decorrer dessa linha encontraremos elos fortes de grandes estudiosos da língua(gem) em distintos momentos do tempo. Muitos contribuíram para as noções que temos hoje de linguística, como o já referenciado Ferdinand de Saussure (1857-1913), que é considerado por muitos o pai da linguística moderna, ou Noam Chomsky (1928-) criador e idealizador da teoria gerativa.

Porém, é apenas durante o período da Segunda Guerra Mundial que os estudos linguísticos se moldaram no que outrora se tornaria a LA, haja vista, esta ser uma época de grandes mudanças. É sabido que guerras, por mais terríveis e devastadoras que sejam, são também responsáveis por demasiadas inovações em vários setores da sociedade, desde as relações interpessoais até os estudos científicos. Desta forma, é neste período que, segundo Anjos (2017), a LA surge voltada para o ensino-aprendizagem de língua inglesa como um esforço de guerra, por parte dos aliados, para facilitar a comunicação e a passagem de mensagens inimigas interceptadas entre os seus grupos.

Contudo, foi só em 1958, em Edimburgo, na Escócia, que a LA passou a ser reconhecida como uma disciplina oficial, com a abertura de uma faculdade voltada para seu estudo que até então se voltava para aplicação das teorias linguísticas, como propõe Anjos (2018). Doravante, findou pela abertura de seu escopo ao tentar compreender como área de interesse, as interações humanas e suas práticas sociais relacionadas como parte do ordenamento dos estudos linguísticos, assim se distanciando da linguística tradicional, que por sua vez trata de estudar fatores que - entre outros - estejam relacionados a questões de ordem fonética e gramatical da linguagem e dos signos linguísticos produzidos pela humanidade, como defende Orlandi (2007), em seu livro de título *O Que é Linguística*.

Destaca-se ainda que, em contrapartida à linguística tradicional e seus estudos teóricos sobre estruturas de língua(guem), a LA busca, por sua vez, trazer à luz do conhecimento problemáticas decorrentes de seu uso, ao passo que investiga, analisa e propõe meios paliativos de mediação/dissolução destas. Para tanto, a LA busca em outras áreas do conhecimento, como filosofia, sociologia, antropologia etc, meios de agregar saberes referente às relações inter-humanas, assim caracterizando-se como ciência social, o que concretizou o seu caráter inter/trans/multidisciplinar, ao considerar sua atuação nos mais vastos campos de pesquisa.

Cabe salientar que a LA tem presença forte no Brasil e que por aqui chegou na década de 1960 como uma nova área de pesquisa, ainda que voltada para aplicação das teorias linguísticas, entretanto ela só se estabelece “quando a professora Maria Antonieta Alba

Celani, professora emérita da PUC, funda o Programa de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo” (ANJOS, 2017, p.124). Contudo, devido ao momento sócio-político da época, com a implantação de um regime militar ditatorial estabelecido no país em 1964, a LA demorou a apresentar resultados e, por duas décadas, quase inexistiu em território nacional. Os primeiros trabalhos produzidos foram apresentados na revista DELTA (Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada) (1985), que ainda de acordo com Anjos (2018) foi uma das primeiras revistas de LA brasileira.

Atualmente, os linguistas aplicados investigam os mais distintos campos das ciências pelo olhar da LA, assim se debruçando sobre temas tais como: formação docente, ensino de línguas e contexto(s) de aprendizagem, multiletramentos, variação e preconceito linguístico(e)o, além de políticas linguísticas e os desdobramentos de suas ações. Autores como Moita Lopes, Almeida Filho e Kanavillil Rajagopalan são, entre muitos outros, grandes nomes da LA no Brasil, também colaboradores para sua atual composição.

Logo, com o surgimento da LA no contexto de guerra, houve um esforço para acelerar as comunicações entre as tropas, como afirma Leffa (1988) em seu artigo *Metodologia do Ensino de Línguas*. A exemplo, tem-se a Abordagem Audiolingual (AAL) que surgira em resposta às fracassadas tentativas de reformulação da Abordagem da Gramática e da Tradução (AGT), da Abordagem Direta (AD), e da insuficiência comunicativa de alguns outros métodos voltados para as práticas de leitura, como a Abordagem para Literatura (AL), e que cuja eficiência, a posteriori, a levaria às escolas americanas.

Não obstante, esforços para reformulação e elaboração de métodos e abordagens de ensino de línguas, que constituíram e ainda constituem grande parte dos modelos pedagógicos voltados para os processos de ensino e aprendizagem de línguas presentes em materiais didáticos por todo o mundo, vivemos o que linguistas como Dr. B. Kumaravadivelu (2001) chamam de a era pós-método.

Sob o prisma do Pós-Método, espera-se que a conduta do professor seja a de um pensador reflexivo e estratégico, que explora as oportunidades criadas no dia a dia da sala de aula. Isso, certamente, inclui enfrentar desafios, já que o ensino abrange construções complexas de diferentes disciplinas do conhecimento e as mescla com a própria existência humana, repleta de questões da sociedade, da ética, da moral e da cultura. (SILVA, 2019, p. 47).

Podemos observar assim uma crescente autonomia do professor como aquele que deve, em sala de aula, escolher como melhor aplicar seus conhecimentos levando em

consideração o contexto em que está inserido, tendo em vista a sociabilidade dos alunos, o material didático, as leis de diretrizes educacionais de seu país, os modelos administrativos da instituição na qual leciona, entre muitos outros fatores de congruência normativa e social.

Por fim, voltemos a Segunda Guerra, pois, para além das contribuições nas áreas de estudos linguísticos, foi também responsável pela reconfiguração política e social do globo no que concerne à formação de alianças, divisão de territórios, formação de países, e acima de tudo, serviu de combustível para mover os EUA de uma economia quebrada, após a crise de 1929, para a hegemonia mundial.

[...] os investimentos públicos, a reestruturação da economia e, acima de tudo, a convivência da população com as novas diretrizes econômicas prepararam o país para assumir, diante do mundo, o papel que lhe impôs a Segunda Guerra [...] A exigência de maior produção em tempo de guerra resolveu o problema do desemprego. A atividade econômica para atender ao Exército, à Marinha e aos aliados foi gigantesca. Isso mostrou que as possibilidades econômicas, se aproveitadas, podem conduzir à prosperidade e ao poder. (PARKER, 1995, p.286).

Desta maneira, os Estados Unidos da América se apresentam como força mobilizadora da vitória sobre o nazismo, o que ajudou no *advertisement* (anúncio ou propaganda) do estimado sonho americano pelo globo no pós-guerra. Em consequência de seu enriquecimento durante este período, o país conseguiu garantir um futuro instável e próspero para as gerações seguintes, tendo assim, sua entrada no bloco dos aliados ao fim da guerra servido ao seu propósito. Dali em diante os EUA passariam a imagem de uma nação forte com um estilo de vida cobiçável pelo mundo.

No próximo capítulo me aprofundo na discussão de tais períodos históricos, de mudanças de paradigmas, e desta forma apresentar os atuais arranjos globais como substratos sociais provenientes desses eventos de forma a estabelecer as cicatrizes do passado como marcas identitárias de resistência. São abordados também a globalização e o intercâmbio cultural, com o intuito de retratar os grillhões históricos compositores das relações de poder que moldam identidades culturais de valorização de uns em detrimento de outros, ao passo em que são estabelecidos conceitos fundamentadores das ideias que são discutidas, de modo a abarcar os temas necessários à composição de base do que será discutido no capítulo final.

2. COLONIALISMO E CULTURA DE MUNDO

“Um negro comporta-se diferentemente com o branco e com outro negro. Não há dúvida de que esta cissiparidade é uma consequência direta da aventura colonial...” (Frantz Fanon)

Após a análise da historicidade dos conceitos de língua(gem) assim como dos processos que levaram a língua inglesa a se propagar pelo globo, neste capítulo, são relatados os desdobramentos do pós-guerra - abordado no capítulo anterior - de como os EUA deram sequência a colonização inglesa, porém, por um viés sociocultural de valorização de um estilo de vida maquiado pela propaganda, em prol do enriquecimento. E assim, ampliar o escopo de discussão para uma escala global de observação e, então, debater a língua inglesa como agente e objeto de mudanças, seja ao influenciar as culturas de povos ou por elas serem influenciadas.

Para tanto, antes, apresento, os conceitos de colonialidade e decolonialidade como extratos do colonialismo que virão a elucidar tanto as pautas de construtos linguísticos e sociais, no que reza a imposição da língua e o domínio cultural e ideológico, quanto a resistência e luta por libertação de padrões que perduram à hodiernidade. Dessa forma, o que se segue é a apresentação de dois conceitos e suas manifestações no antro da sociabilidade e que representam o contraste nas relações de poder entre o colonizador e o colonizado e os impactos deixados como resquícios dessas relações na atual disposição das diferentes camadas da sociedades. Intermediando tais conceitos, tem um tópico que explora a ideia de cultura como meio de (re)afirmação de um eu nativo para valorização daquilo que é próprio de um povo e ferramenta de combate ao domínio - agora intelectual - estrangeiro.

2.1 Colonialismo e Colonialidade

Como sabemos, o colonialismo se deu como movimento de expansionismo territorial e de influências proveniente de nações europeias, em grande parte, entre os anos de 1.500 e 1.700, como abordado no capítulo anterior, buscavam terras a serem exploradas, novos territórios para comércio e, como consequência disso, o domínio de outras nações. Assim, discute-se aqui o termo “colonialidade” como aspecto vigente de tal modelo, “pois, embora o

colonialismo preceda a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo”. (TORRES, 2007, p.131, tradução nossa⁴).

Para tanto, faz-se necessário estabelecer os períodos históricos de atuação dos países colonizadores e seus modelos de dominação pelo globo, pois a partir desse ponto pode-se alinhar tais eventos ao pensamento pós-colonial, que - como sugere o nome - aborda as ideias difundidas em miríade social mediante o fim do colonialismo como estrutura de controle de um povo sobre outro e assim discutir como a colonialidade sobrevive como vertente desse modelo, porém, agora com outro sistema de dominação compatível com um mundo globalizado e heterogêneo.

Segundo Damasceno, Amorim e Cardoso (2022, p.14), o termo pós-colonial surge em meados da década de 1970 a partir de “movimentos políticos em países africanos e asiáticos”, tendo como expoentes de pensamentos revolucionários, levantes sociais em várias camadas sociais, desde revoltas e protestos nas ruas até a publicação de obras como *Discurso sobre o Colonialismo*, de Aimé Fernand David Césaire, cujo pragmatismo em seu texto caminha sobre linha tênue entre razão e emoção, pois é possível, em certas passagens observar tanto o olhar curioso de um pesquisador em elucidação de seu trabalho quanto a ponta afiada da caneta de um poeta, quando em meio àquilo que escreve, não repousa a mão.

O que se tem então é cada vez mais a primazia em descolamento do já imposto pensamento imperial e doutrinador sobre o qual foi construída a sociedade ocidental, ao passo que as pessoas, por compreenderem não estar inseridas em certos padrões outrora estabelecidos pelos seus colonizadores, agora mediante a nações independentes, ousaram buscar não só a compreensão de seus contextos para então defenderem aquilo que entendem como marcas identitárias de um si apagadas pela violência do colonizador, como também abandonar o retrato de uma história de exploração em busca de reparação histórica fosse essa racial, cultural, social, política ou qualquer outra que funcionasse para depreciar a composição de um povo.

A esse ponto, observa-se a colonialidade como o braço do colonialismo que se estendeu para além do mesmo, agora por um viés intelectual, pois ao passo em que as grandes nações como os Estados Unidos da América se desenvolvem na modernidade do capital e do valor atribuído, as pequenas nações são submetidas aos seus modelos socioeconômicos, pois exportam seus bens de consumo, como *commodities* e alimentos no geral, música, literatura,

⁴ No original: “[...] pues, aunque el colonialismo precede a la colonialidad, la colonialidad sobrevive al colonialismo.”

cinema, moda, ciência entre outros que servem senão a perdurar padrões culturais de um estilo de vida inalcançável àqueles que vivem nas ex-colônias.

Este modelo de domínio da colonialidade é tão perverso quanto o do colonialismo visto que se faz silencioso e quase imperceptível, ao ponto de se observar padrões de autocolonização do ser, que ocorrem quando grande parte das nações que são submetidas aos modelos citados, passam a não mais odiar seu colonizador, mas amá-lo ou ao menos invejá-lo por aquilo que possui, produz e reproduz como de maior valia.

[...] o jovem negro[...] identifica-se com o explorador, com o civilizador, com o branco que traz a verdade aos selvagens, uma verdade toda branca. Há identificação, isto é, o jovem negro adota subjetivamente uma atitude de branco. Ele recarrega o herói, que é branco, com toda a sua agressividade – a qual, [...]assemelha-se estreitamente a uma dádiva: uma dádiva carregada de sadismo (FANON, 2008, p.132).

Neste ponto, os colonizados não só se aprazem em sua condição, como replicam padrões comportamentais de maneira a sentirem-se como parte daquilo que é estrangeiro, e mediante tal senso de grandeza buscam colonizar seus semelhantes, e neste culto a *persona*⁵ do estrangeiro, a mente colonizada os escraviza em um ciclo de reciclagem de autocolonização que os mantém tão próximos uns dos outros, porém tão longe do que almejam.

Ressalta-se ainda que, durante o período em que países europeus colonizaram os demais continentes, a língua(gem) se apresentava como uma constante representação de poder e controle que em dado tempo, com a formação das nações em colônias e iniciação da escolarização, viriam a funcionar como ferramenta de controle social no que tange à divisão de classes pelo acesso à educação. No decorrer dos séculos, com o fim do período colonial e independência destes países, irrompeu uma crise das gerações que surgiram ao não conseguirem identificar as marcações de uma identidade cultural mediante padrões de vida importados não condizentes com a realidade a qual estavam inseridos, desde a língua falada, passando pelo modelo comportamental até a fé professada.

A língua, como ferramenta tácita de dominação, se fez problemática, pois sua aplicação em roupagem implícita de miscigenação entre povos europeus e nativos das terras gerou ranhuras inaceitáveis aos ouvidos coloniais. Os sons agora produzidos pela comunhão

⁵ Segundo o Dicionário Online de Português (DICIO, 2023): [Psicologia] Segundo C.G.Jung, refere-se à personalidade que o sujeito apresenta aos demais como sendo real, no entanto pode ser uma versão muito contrária à verdadeira.

de distintos idiomas viriam a gerar variações mal vistas por serem “gramaticalmente incorretas”, ou seja, por não seguirem a norma padrão da língua preestabelecida pelo país colonizador.

A exemplo de negação e combate a tais ranhuras, temos a Guiana Francesa que passou e ainda passa por uma crise educacional no que tange aos modelos de ensino devido a questões de imposição de padrões europeus e a obrigatoriedade do francês como língua oficial que acaba por afastar inúmeros jovens, todos os anos, das escolas, como relatam as autoras Isabelle Léglise e Bettina Migge (2007), em seu artigo *Language and Colonialism*. Neste artigo as autoras tratam das implicações sociais provenientes das problemáticas linguísticas mediante emendas com o passado de domínio imperialista em países do Caribe e das Américas, que ainda se encontram vigentes e como tais questões são encaradas pelos povos desses lugares.

A língua do colonizador, [...] tornou-se uma necessidade para todos aqueles que desejavam progredir socialmente e participar da esfera pública da colônia. Pessoas com mobilidade socialmente ascendente rapidamente passaram a evitar as línguas locais e a favorecer a língua colonial. Os instruídos optaram cada vez mais por criar seus filhos na língua colonial[...] (MIGGIE e LÉGLISE, 2007, p. 6, tradução nossa⁶).

Na passagem acima, as autoras destacam como se deu, em grande parte das colônias, os processos que levaram a uma construção não identitária, de nações no que se refere a apreciação da língua estrangeira em detrimento das línguas nativas da terra. Ações como estas se estenderam aos demais campos do social e fomentaram a formação de sociedades que com o tempo haveriam de enraizar na psique de seus povos que “o que é bom sempre vem de fora”, perdurando assim o culto a *persona* do estrangeiro. Para este fim, persiste a colonialidade como estigma do opressor e constante sobretudo aquilo que a espreita, domina e deixa dominar ao privilégio de uns sobre o cabresto de outros que, dessa forma, perduram escravos do invisível em grilhões do que consomem, em júbilo ao que só é possível para os que dele se fazem distantes.

2.2 Cultura e seus Conceitos

⁶ No original: The coloniser’s language, [...] became a necessity for all those who wished to advance socially and to participate in the colony’s public sphere. Especially socially up-ward mobile people quickly came to eschew the local languages and to favour the colonial language. The educated increasingly opted to raising their children in the colonial language[...].

Neste ponto do estudo, pode-se perguntar o porquê de a cultura estar entre duas vertentes do colonialismo, e a resposta decorreria de sua análise como estrutura organizacional humana e de sua base semântica, haja vista a compreensão do que é, assim como a busca por catalogá-la, fazer-se ainda nos dias atuais, um grande desafio. Assim, como disposto na introdução deste capítulo, a cultura é aqui abordada como ferramenta de sociabilidade e integração de sujeitos para (re)afirmação de identidades perdidas, e por intermédio disto o rompimento com o eurocentrismo e quaisquer outras formas de afirmação predatória de um povo/nação sobre outro(a).

Em dado momento de nossa evolução, a humanidade passou a se organizar em grupos, o que segundo Harari (2015) possibilitou a sobrevivência da espécie. Com o passar dos séculos, aqueles que conseguiam perceber na sociabilidade uma ferramenta de subsistência passaram a também conviver em grupos. Assim, em berço social os destacamentos humanos faziam-se fortes para enfrentar as adversidades apresentadas pela vida em um período de fragilidade do gênero *homo*. É então deste ponto que podemos observar a formação do que com o tempo viriam a ser as primeiras civilizações humanas, e por mais que não saibamos o exato momento na história ou até mesmo como ocorreu, se torna possível vislumbrar, a partir da organização desses grupos, as origens do que se entende por cultura.

E quando ao indagar sobre a definição de cultura, rapidamente percebemos a insaciável busca pela elucidação sobre os distintos arranjos que a constituem. Porém, ao abordar o tema, a palavra “organização” se apresenta como uma constante, seja ao tratar de ordem semântica ou de sua composição estrutural. Para Dias (2005, p. 50) por exemplo “[...]a cultura deve ser compreendida como algo inerente aos seres humanos”, não sendo possível assim se fazer de outro forma, pois, segundo ele, “o conceito de cultura[...] contrapõe-se a uma existência não cultural, natural, em que prevalecem os instintos básicos do ser humano enquanto animal”, ou seja, a cultura se manifesta como consequência das ações humanas no mundo.

A ideia de organização, por sua vez, surge invariavelmente de maneira catalogar a cultura como um construto uniforme e homogêneo, enquanto autores como Santos (2006) defendem que a busca por categorizar e dividir os diferentes tipos de culturas, seja a partir da investigação de um momento histórico, seja das produções de um povo em dado ponto no globo, se faria quase que impossível, pois apesar de podermos traçar passos evolutivos do comportamento humano, seria muito difícil definir em que momento tal traço comportamental

ou construto social surgiu e a qual grupo pertencia, tendo em vista as interações humanas também serem fatores responsáveis por moldar culturas.

Assim, afirma Santos (2006, p. 7) quando diz que:

O desenvolvimento da humanidade está marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social, de se apropriar dos recursos naturais e transformá-los, de conceber a realidade e expressá-la. A história registra com abundância as transformações por que passam as culturas, seja movidas por suas forças internas, seja em consequência desses contatos e conflitos, mais frequentemente por ambos os motivos.

Desta forma, Santos (2006) trata de dividir a cultura em dois campos: o primeiro como uma “realidade social” sob a qual os humanos estão inseridos; e o segundo como os construtos desta realidade. Isto implica que, a tentativa de universalização da cultura de forma homogênea em escala evolutiva busca, se não, disfarçar o pensamento eurocêntrico, cujo objetivo nada mais é que a validação de uma corrente histórica sobre a qual os povos europeus estariam em primazia evolutiva acenando em oposição a um suposto atraso dos povos *aborígenes*⁷. Porém, a heterogeneidade humana fala contrário a isto e escancara o eurocentrismo como uma falsa justificativa para a manutenção de poder e imposição europeia sobre aqueles que julgassem menos evoluídos, assim amparados em premissas de salvação e libertação.

Os autores David C. Thomas e Kerr Inkson (2006), em seu livro de título *Inteligência Cultural*, discorrem sobre o tema por um viés de dimensão cultural de elevação das relações humanas em seus variados campos, apresentando a cultura como algo compartilhado entre grupos, e assim, esclarecendo que tais aspectos são inerentes aos seres humanos.

A cultura não é apenas um conjunto de condutas superficiais, ela está profundamente enraizada dentro de nós. Os aspectos superficiais de nosso comportamento social – por exemplo, nossos maneirismos, nossa forma de falar uns com os outros, a maneira como nos vestimos – são frequentemente manifestações de princípios e valores profundamente enraizados (THOMAS e INKSON, 2006, p. 40).

Como podemos ver, por mais diversas que sejam as conceituações e formas de compreender o que é cultura, um fio condutor entre as falas dos autores está sempre na ideia de cultura como algo intrínseco à condição de ser humano, tendo suas manifestações como extensão daquilo que somos, do que cremos, de como nos relacionamos com o mundo e entre

⁷ Segundo o Dicionário Online de Português (DICIO, 2023): Originário do país onde vive: planta aborígene.

nós como espécie, e como buscamos retratar nossa natureza de maneira a exteriorizar o que se encontra no cerne de nossa composição. É dessa maneira que passamos a entender nosso lugar no mundo, e perceber que os contextos nos quais estamos inseridos e os grupos aos quais pertencemos, também são produtores de cultura e que a realidade não deve ser observada apenas pela ótica do estrangeiro.

2.3 Conceitos de Cultura

Como outro resquício do colonialismo e antítese da colonialidade, a decolonialidade surge em resposta a séculos de opressão e abusos, para servir como voz dos silenciados e contar a história pelo olhar do colonizado. Nessa perspectiva, proponho descrever decolonialidade através de alguns conceitos que trazem ao cerne de sua representação a atual conjuntura social ao passo em que estabelece e reforça laços com a cultura como meio de identificação de sujeitos e grupos sociais.

Assim, ao tratar de decolonialidade ou “descolonialidade” como se refere Maldonado-Torres (2008), faz-se necessário compreender a modernidade como ferramenta colonizadora pela qual a universalização das ideias exclui aqueles que não a empunham. Ou seja, a modernidade e seu substratos sociais e modelos de mercado, sistemas e formas de governo e de estado funcionam de maneira a perdurar a pirâmide de poder sobre as produções humanas e a suposta corrente evolutiva sobre a qual os modernos vendem a modernidade para aqueles que aparentemente não conseguem produzir-la, delimitando assim o enriquecimento e protagonismo mundial de uns em falência de outros, não mais em correntes ou sob açoitadas mas em modelos de venda, troca e acúmulo de capital.

Nessa interpretação da história e suas heranças coloniais, é importante discernir que as independências nacionais mantiveram diversos tipos de colonialidades nas nações ditas independentes após o colonialismo, expressas essas colonialidades em formas de exploração do trabalho, em hierarquias sócio-raciais, nas subjetividades de negros e indígenas diminuídas por meio do racismo, numa episteme que traduz o mundo de acordo com um ponto de vista eurocêntrico, e com a criação dos estados republicanos para a manutenção dessa ordem opressora (PEIXOTO e FIGUEIREDO, 2018, p. 132).

Podemos então perceber que, mesmo após o fim do período colonial séculos atrás, e com a criação do conceito de estado-nação como forma de legitimação da liberdade e autonomia de países como tentativa de inviabilizar incursões futuras em outros territórios (principalmente no pós-segunda guerra), a conjuntura mundial no que tange às relações de

poder e influência se manteve quase que inabalável. É desta forma que os autores Rodrigo Peixoto e Kércia Figueiredo (2018, p. 131 e 132) buscam representar tais ideias como modelos de “uma modernidade eurocêntrica e violenta, que nega às pessoas e suas identidades, as inferioriza geossocialmente, e assim as subjuga para extrair riqueza dos lugares que elas ocupam.”

A exemplo de tais relações de poder, nas quais estados nações se encontram como vassallos de outros, os autores ressaltam ainda que “uma economia-mundo capitalista não teria lugar sem a América, cujo advento estabeleceu a colonialidade e uma hierarquia entre estados, estabeleceu categorias étnicas e criou o racismo.” (PEIXOTO e FIGUEIREDO, 2018, p. 132), ou seja, tais padrões se estruturaram e estabeleceram o regime que segue à hodiernidade, gerando ao longo do tempo danos irreparáveis aos povos que foram submetidos a tal processo.

E assim, a história nos mostra que no expansionismo voraz europeu não houve espaço para avaliar questões referentes à composição étnico-racial dos territórios que haviam dominado, e as consequências de tais atos o tempo tratou de revelar. Povos caribenhos, africanos, americanos - em especial sul americanos - entre muitos outros pelo globo, passaram a serem tidos como povos inferiores de nações subdesenvolvidas cujas republiquetas⁸ compõem conflitos socioeconômicos, políticos, éticos e religiosos, estes que em grande parte representam a falta de unidade dentre sua população, sentimento este por vezes gerado por senso de ninguedade⁹, sendo estas, marcas claras da ausência de uma identidade cultural em povos marcados pela violência do colonialismo.

A colonialidade, segundo Walter D. Mignolo (2007), pode também se apresentar como corrente de pensamento que prega em defesa das liberdades enquanto se afasta da colonialidade e se estabelece como ferramenta de desestruturação e desmonte das forças imperiais visando a destituição do poder estrangeiro em busca pela democracia.

Em primeiro lugar [é necessário] a descolonização epistemológica, para depois dar lugar a uma nova comunicação intercultural, a uma troca de experiências e significados, como fundamento de uma outra racionalidade que possa reivindicar, com legitimidade, alguma universalidade. Pois nada é, afinal, menos racional do que a afirmação de que a cosmovisão específica de um determinado grupo étnico é imposta como racionalidade universal, mesmo que tal grupo étnico seja chamado de

⁸ Segundo o Dicionário Online de Português (DICIO, 2023): País onde as instituições republicanas são frequentemente violadas de forma a favorecer interesses oligárquicos, em detrimento dos direitos de todos os cidadãos.

⁹ A ninguedade expressa uma carência identitária decorrente do processo de miscigenação e das disputas entre o sincrético e o singular no Brasil, bem como uma posição dependente oriundas de nossa constituição colonial. (DA COSTA; MENDES, 2020)

Europa Ocidental. Porque isso, na verdade, é reivindicar para um provincianismo o título de universalidade (QUIJANO, 1992, p. 447, apud MIGNOLO, 2007, p. 30, tradução nossa¹⁰).

Aqui percebemos que, a realidade narrada por uma só voz se faz perigosa quando seu propósito é a manutenção da racionalidade das coisas por um viés dominador que privilegia a corrente ideológica de grupos específicos, se fazendo necessário, primeiro, romper com a razão eurocêntrica e transgredir o pensamento do eu não identitário construído a partir de faces pálidas e engessado na universalização de um molde social não verdadeiro a todos, para só então se fazer possível o intercâmbio cultural em que a decolonialidade se fará na busca pela compreensão dos discursos estruturadores das cadeias de poder.

Sob tal peleja caminha a humanidade, em guerra de narrativas entre os que procuram no pluralismo social dar voz aos silenciados pela história em face da comercialização da cultura e de um estilo de vida amparados por grandes poderes nacionais e da indústria do entretenimento que serviu ao propósito de aquecer mercados e domar nações por alienação cultural de supra valorização de uma hegemonia global. Desta maneira, a exportação da cultura através da literatura, da música, do cinema e de outras formas de produções artísticas se mostrou - em especial no último século - como forma eficaz de colonização intelectual de sujeitos, principalmente naqueles que não possuem lembranças dos laços de um passado de exploração.

Detalha-se ainda que, a despeito das definições de decolonialidade aqui citadas, podemos dizer que a humanidade, em seio do social, é produtora de infindáveis estruturas, reais e imaginárias, e a partir delas, busca extrair fonte de aprazimento e se provar capaz. Assim, em cada grupo social (por menor que seja) se faz um vínculo do novo e de construção da cultura como produto de seu meio e instrumento de transformação, não sendo leal a nossa condição de seres livres impor restrições. O social transforma e o compartilhamento de tal transformação movimenta os povos e nos melhora evolutivamente como espécie, sendo as diferenças o que nos faz o que somos, humanos.

No próximo capítulo, voltarei a tratar de aspectos linguísticos, de modo a produzir um apanhado dos seis últimos tópicos, para descrever a língua(gem) como algo inerente à condição de ser humano, buscando retratar não só os processos (já citados) que corroboram

¹⁰ En primer término [es necesaria] la decolonización epistemológica, para dar paso luego a una nueva comunicación inter-cultural, a un intercambio de experiencias y de significaciones, como la base de otra racionalidad que pueda pretender, con legitimidad, a alguna universalidad. Pues nada menos racional, finalmente, que la pretensión de que la específica cosmovisión de una etnia particular sea impuesta como la racionalidad universal, aunque tal etnia se llama Europa occidental. Porque eso, en verdad, es pretender para un provincianismo el título de universalidad.

para sua interpretação por esse viés, mas buscarei retratar suas variações e suas formas de apresentação em antro social, de forma a suportar sua compreensão como patrimônio dos que produzem língua(gem), utilizando-se de noções básicas sobre as interações humanas em arguição com autores que corroboram com as ideias que aqui são se encontram para discussão.

3. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E LÍNGUA COMO PATRIMÔNIO HUMANO

Neste capítulo serão abordados os conceitos de variação linguística como subcampo da linguística aplicada, na busca de discutir a simbiose na qual diferentes formas de língua(gem) são expressas mediante interação de sujeitos em distintas estruturas socioculturais, para que assim, a natureza desses processos possa então ser estabelecida como condição humana.

A materialidade desta seção se deu por meio de leituras, sistematização e organização do referencial teórico, assim como por meio de vivências e experiências adquiridas ao longo de anos de uma graduação de licenciatura em Letras-Língua Inglesa, e que, por seu intermédio, se segue a extensão deste capítulo.

Logo, esta pesquisa bibliográfica traz reflexões a respeito de dicotomias que permeiam o estudo de línguas, a partir de uma ótica de identidade cultural de oposição entre grupos de sujeitos que: de um lado supervalorizam a língua inglesa e todos os construtos sociais que a seguem como forma identitária de autocomplacência à condição de colonizado; enquanto de um outro lado estão os que anseiam por auto afirmação e valorização de sua recém descoberta identidade ao abominar tudo o que não é nacional ou relativo a sua condição de ser.

Necessário se faz esclarecer mais uma questão. Por mais que a língua em foco seja o inglês, em decorrência de seu protagonismo mundial e como campo de pesquisa em que estou inserido, será possível observar que estabeleço a ideia de “inglês como patrimônio da humanidade” de maneira a ampliar tal sentido aos demais idiomas como formas de interação dentro dos já retratados conceitos de língua(gem).

Quando pensamos em língua como idioma, geralmente nos incorre a ideia de conjunto de palavras que a compõem, podendo ela ser a sua ou estrangeira. Leva-se, porém, algum tempo e esforço analítico mais profundo para que possamos compreendê-la como algo mais. Neste trabalho, a língua e a linguagem foram inicialmente apresentadas através da cosmovisão de diferentes autores no intuito de elaborar a base discursiva sobre as ideias de capacidade humana e construto social, para então discuti-las como parte dos processos evolutivos de nossa espécie, desde sua composição em grupos, sendo responsáveis, em parte, por sua preservação e subsistência, até as relações de poder entre comunidades linguísticas.

Todo este aparato teórico serve para fundamentar o eixo de língua(gem) a ser retratado sobre dissonância existente entre sujeitos de distintos grupos linguísticos mediante produção de uma mesma língua(gem), e assim discorrer sobre as variações linguísticas como possíveis

marcas identitárias que refletem imagem evolutiva de povos em interação, mas que foram, por vezes, utilizadas como degraus de uma escada social impositora de preconceitos.

Tal análise é feita com o intuito de, posteriormente, servir de base à defesa de um intermédio entre extremos, em que as línguas e as culturas do mundo possam ser compreendidas como um bem comum a todos que as apreciam e/ou delas são produtores, ou seja, não seria preciso um sujeito nascer na Inglaterra, Estados Unidos, Canadá ou em quaisquer outros países anglófonos para que o mesmo saiba falar a língua inglesa, assim como, não se faz necessário ao mesmo nascer no Japão para gostar de sushi, na Itália para comer massas ou no Brasil para apreciar uma feijoada.

Veja que, assim como as produções artístico-culturais de povos distintos, em um mundo globalizado, podem ser compartilhadas e apreciadas por sujeitos diversos, também podem as línguas. E apesar de compreendermos que, tais estruturas sociais foram e ainda são, por vezes, utilizadas como ferramentas de doutrinação, comercialização e imposição de certos padrões e estilo de vida, não podemos deixar que a aversão a tais dispositivos impulse a segregação de povos em grupos étnico-culturais cuja autoafirmação restringe acessos, gera medo, reafirma preconceitos e impulsiona o ódio e a dessemelhança entre membros de uma mesma espécie.

Portanto, a língua, quando em meio social, funciona a se integrar com a cultura, a modificando e por ela sendo modificada como um alternância de ações de livre vontade, porém, resultado da evolução humana e suas interações. A mesma se distingue das demais formas de comunicação ao possuir o que Steven Brown e Salvatore Attardo (2005) definem como mecanismos organizações que funcionam a constituir estrutura linguística, tais quais: a arbitrariedade, a produtividade, a intercambiabilidade, o deslocamento, a discricção, a especialização e a transmissão cultural.

[...]as línguas usam um inventário relativamente pequeno de sons para construir um número maior, mas ainda finito e razoavelmente contido de morfemas, que por sua vez são usados para construir um número potencialmente infinito de sentenças. Isso foi bem resumido como o fato de que a linguagem faz uso infinito de elementos finitos. A dupla articulação da linguagem também é chamada de dualidade (BROWN e ATTARDO, 2005, p. 274, tradução nossa¹¹).

¹¹ [...]languages use a relatively small inventory of sounds to build a larger but still finite and reasonably contained number of morphemes, which in turn are used to build a potentially infinite number of sentences. This has been nicely summed up as the fact that language makes infinite use of finite elements. The double articulation of language is also called duality.

Deste ponto, observamos como infindáveis as possibilidades de produção da língua(gem) mediante necessidade comunicativa, o que a torna numa unidade produtora de sentidos indispensável às formas de interação mais complexas como as feitas pelos humanos.

Assim, Steven Brown e Salvatore Attardo (2005) tratam de apresentar novas instâncias comunicativas jamais produzidas a partir das já citadas características compositoras da língua(gem) como: a não totalidade arbitrária quanto à produção de sons distintos entre idiomas diversos; a intercambialidade quanto à capacidade produtora e receptora que nos constituem como ouvintes e falantes; o deslocamento como ideia do que se fala poder estar em diferentes locais ou momentos no tempo; as diferenças discretas que não permitem gradações entre os sons produzidos e assim garantem exatidão sonora; especialização na não tomada de toda função neural humana que permite execução da fala mediante outras ações; e a transmissão cultural que decorre da geolocalização ou composição sociocultural na qual o infante se encontra inserido na aprendizagem de um dado idioma.

A já estabelecida disseminação da língua inglesa pelo globo, assim como os demais idiomas europeus, decorreram do período conhecido como as grandes navegações, que por sua vez, viabilizaram as nações europeias à colonização mundial, sendo assim, responsáveis pela atual conjuntura social na demarcação territorial e disposição das línguas pelos continentes. Sobre esta ótica fundamenta-se a movimentação de línguas europeias nos demais países pelo mundo mediante transmissão cultural. Isto implica que, um sujeito pode tanto ser imputado à assimilação de um idioma mediante conjuntura histórico-mundial de disseminação da língua quanto aprender um idioma nativo da terra em que nasceu, havendo ainda a possibilidade de se encontrar sujeito à imersão cultural de aprendizagem de distintos idiomas na agora modernidade global.

Ainda durante a formação de novas nações, e em decorrência de duas grandes guerras mundiais, povos de diferentes países passaram a migrar para outros territórios em busca de libertação, para fugir das guerras e garantir sua subsistência. Em decorrência disso, viu-se cada vez mais a formação de nações com ampla miscigenação de povos e culturas, como é o caso do Brasil, que foi e ainda é refúgio para povos de diferentes etnias, que contribuíram para a formação de um estado plural cuja população não tem uma só cor, uma só fé e, conseqüentemente, não possui uma só forma de expressar seu idioma.

Nessa nova realidade moderna, os processos de disseminação e assimilação das línguas ocorrem de forma menos controlada, pois o intercâmbio cultural gerado anteriormente mediante interação de povos de diversos nações com a tríplice africana, portuguesa e indígena

aqui pré-fixada em formação colonial brasileira, cedeu espaço às novas formas de interação mediadas pela utilização de ferramentas digitais e o compartilhamento de produções artísticas, o que tornou mais fácil o acesso à cultura do mundo em suas diversas formas de manifestação, produzindo assim, multiplicidade étnico-racial e uma nação de mestiços falantes de um português tão profuso quanto o inglês americano, tendo em conta, processo similar haver incorrido em terras norte-americanas.

É, pois, sob esta ótica de riqueza cultural, na qual as línguas geram impávidas grandezas linguísticas, que seus estudiosos deleitam-se em busca por elucidação. Não se fazendo estranho, portanto, pesquisas constantes nos campos linguísticos quanto às manifestações da língua(gem) em seio social, basta ver sua vivacidade em dado ponto findar em produção frutífera de novas formas comunicativas.

A título de exemplo, o autor Louis-Jean Calvet (2002, p. 79) discorre que:

[...]as línguas mudam todos os dias, evoluem, mas a essa mudança diacrônica se acrescenta outra, sincrônica: pode-se perceber numa língua, continuamente, a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado. Essas variáveis podem ser geográficas: a mesma língua pode ser pronunciada diferentemente ou ter um léxico diferente em diferentes pontos do território. Desse modo, um réptil comum em todo o Brasil é chamado de “osga” na região Norte, “briba” ou “víbora” no Nordeste, e “lagartixa” no Centro-Sul.

Dado levante, torna-se possível categorizar dois campos constitutivos de compreensão das línguas, sendo o primeiro voltado para análise desta mediante sua observação através de fatos históricos e em tempo presente a partir dos contextos em que os falantes estão inseridos, e o segundo no que permeia suas distintas formas decorrerem tanto de variações sociais quanto linguísticas, o que realça duas vertentes evolutivas igualmente ricas em vocábulos a serem analisados.

Isto posto, aqui discutimos a variação linguística como campo da LA e o fenômeno natural de diversificação das instâncias da língua(gem), tais quais a fonética sobre a produção sonora, fonologia na organização desses sons, morfologia sobre estrutura das palavras, sintaxe na formação de frases, semântica no que cabe ao sentido e a pragmática em ampla utilização dos atos comunicativos.

É desta forma, que o linguista Louis-Jean Calvet (2002) aborda as diferenças entre fonética e fonologia das línguas, de maneira a compará-las com as dicotomias Saussurianas de língua e fala, quando defende que a fonética em caracterização direta dos sons produzidos

pelos falantes se assemelha a fala, e a fonologia à língua sobre a reunião desses sons abstratos para sua produção. E a nível de exemplo, aborda ainda que:

William Labov foi o primeiro a trabalhar de modo convincente essas questões, estudando o tratamento de duas semivogais na população de uma ilha situada junto à costa de Massachusetts, Martha's Vineyard: a pronúncia do ditongo /ay/ em palavras como *right*, *white*, *pride* *wine* ou *wife* e do ditongo /aw/ em palavras *house*, *out*, *doubt* etc (CALVET, 2002, p. 80-81).

Tais exemplos retratam apenas algumas alterações linguísticas de ordens fonética e fonológica da língua, o que nos permite ainda abordar questões como as construções *y'all*, *youse* e *yunz*, aborda por Brown e Attardo (2005), referentes a produção do pronome pessoal da segunda pessoa do plural *you* (vocês) em diferentes à regiões dos Estados Unidos, em decorrência de na atual língua inglesa a segunda pessoa do singular e plural serem produzidas da mesma maneira, gerando assim o uso de complementos qualificadores que atribuam distinção em um e mais de um, e que acabam por formar as estruturas citadas.

Sobre a sintaxe podemos retratar estruturas de alternância como *she likes to go out* (ela gosta de sair) se tornando *she likes going out* (ela gosta de sair) ou *they prefer to stay home* (eles/elas preferem ficar em casa) como *they prefer staying home* (eles/elas preferem ficar em casa), que realçam a formação de diferentes estrutura para expressar uma mesma coisa variando o uso a depender da região ou comunidade linguística em que se encontra. Tendo ainda, segundo Brown e Attardo (2005, p. 97, tradução nossa), “[...]a alternância entre *pop* (centro-oeste e oeste dos Estados Unidos), *soda* (leste dos Estados Unidos) e *bottle(d)/cold drinks* (sul dos Estados Unidos)¹²” como diferentes maneiras de expressar refrigerante, característica de ordem semântica comum em vários países do mundo.

Essas distintas formas de variáveis linguísticas são também sociais pois surgem das interações que ocorreram, ocorrem e continuarão a ocorrer entre as pessoas, e que, se fazem observáveis em tempos, espaços e mediante grupos diversos. Veja que, quando são abordados grupos linguísticos, não se faz de maneira a limitar a ideia de uma comunidade de pessoas falantes de uma única língua. Aqui busca-se tratar de uma visão mais próxima a de Calvet (2002), no que entende-se por multiplicidade étnica em mundo globalizado, que compreende a existência de grupos linguísticos dentre outros grupos linguísticos, em países como o Brasil

¹² [...]the alternation between *pop* (Midwest and western United States), *soda* (eastern United States), and *bottle(d)/cold drinks* (southern United States).

que possui uma das maiores comunidades nipônicas do mundo, ou mesmo dos Estados Unidos, com seus imigrantes e nativos falantes de espanhol.

As línguas do mundo são, então, conjuntos de falares, de variedades geográficas ou sociais. Apesar de aparentemente assumirem traços individuais, as variedades se conformam a padrões de uso dos grupos sociais que os falantes integram, como resultado do compartilhamento tácito de normas linguísticas nessas comunidades de fala. É o que o tratamento estatístico de grandes quantidades de dados de fala feito pelos sociolinguistas tem mostrado. Há correlação, estatisticamente comprovada, das tendências de uso das formas em variação com características sociais dos usuários da língua (idade, gênero, grau de escolaridade dos falantes, por exemplo) e com aspectos da própria língua (sonoros, vocabulares, oracionais) (ALVES e BATTISTI, 2014, p. 295).

A questão por trás das definições de língua(gem) como fato social estão amparadas, como aborda Orlandi (2007), na divergência existente entre as visões de origens da linguagem como promotora da sociedade ou dela oriunda. A autora cita ainda que a sociolinguística trabalha a sintetizar a língua de forma heterogênea, enquanto a sociologia da linguagem a descreve como fato social. Ambas as vertentes foram aqui abordadas para comportar as distintas formas de percepção de língua(gem), cuja origem independe da vontade ou da crença, pouco importando, os campos de estudo ou conjecturas sobre suas distintas formas de apresentação, pois, em natureza, a língua se apresenta como a capacidade humana e a linguagem em decorrência de sua utilização.

Em anos de estudo da língua inglesa, ao passar por cursinhos e em prática com estrangeiros mediante plataformas digitais, esporadicamente, foi possível observar incontrolável paixão pelos Estados Unidos da América e sua cultura, em que a língua inglesa não passava de uma simples ferramenta de acesso às produções artísticas daquela nação e possível ponte para o idealizado sonho americano. Por certo tempo, se fez corriqueira a falácia de que os Estados Unidos é um país melhor do que o Brasil, seja por suas riquezas, qualidade e/ou custo de vida, havendo tal crença servido aos interesses americanos de propagação de um estilo de vida idealizado por muitos.

Em campo acadêmico, sob a ideia de local de pesquisa e elucidação, textos expressam falas contrárias ao juízo de valor tão presente no cotidiano, porém, só até certo ponto. Afinal a pesquisa científica não está além de mais uma produção humana, cuja busca por instrução não só educa como também aliena. Este meio é composto por estudiosos, dos recém chegados aos pós-doutores, cuja confluência de ideias gera trabalhos que contribuem para o desenvolvimento da humanidade e seus corpos sociais, todavia, é também em abjunção que se

levantam discussões adversas, as quais, quando não livres do cabresto imposto em meio social (sala-de-aula), estreitam ao outro extremo das narrativas, que em sua base constam a aversão a figura do estrangeiro.

Em síntese, por muitas vezes em busca de se distanciar do pensamento colonizador e abandonar o papel de colonizado, sujeitos contribuem para a visão de um mundo individualista e segregado de divórcio das produções culturais, sob pretexto de privilegiar o que é nacional, como se as fronteiras nacionais ou mesmo linguísticas pudessem romper o laço primeiro que liga a todos como membros de uma comunidade originária, a de espécie humana. Muitos assim o fazem ao propagandear certas línguas pelo prisma único de ferramentas colonizadoras, de maneira a antropomorfizar suas estruturas, que embora vivas, não possuem vontade, e cuja vivacidade repousa sobre condição de contínua interação dos seres que a produzem, o que finda em revelar a superficialidade discursiva em função da limitada visão de seus enunciadores.

Não é estranho observar, que a constante luta de narrativas sobre certo e errado que cerceiam a liberdade de uma juventude desprendida de tais amarras e a quem pouco interessa tal passado, serve se não à mascarar o desejo primordial de pertencimento contido em cada centímetro daqueles que temem enfrentar a realidade múltipla e alheia às condições do já esquecido.

A busca de uma identidade cultural é a busca de afirmação de uma diferença e de uma semelhança. Quando buscamos a identidade cultural, procuramos identificar aqueles que são iguais, que se identificam conosco; isso fortalece o sentimento de solidariedade grupal. No entanto, se somos iguais, é porque somos diferentes de outros; desse modo, a identidade tem esse aspecto, aparentemente contraditório, de necessitar estabelecer as diferenças em relação aos outros membros de outras comunidades (DIAS, 2005, p. 68).

Reinaldo Dias (2005, p. 68) segue em arguição quando diz que

[...]num mundo cada vez mais heterogêneo, em que cada vez mais se inter-relacionam culturas que não mantinham contato direto, pois tais relações eram intermediadas pelo Estado nacional, aumenta a necessidade de se inserir neste contexto global, e a busca de inserção é a busca por seus iguais, a busca de uma certa homogeneidade dentro da heterogeneidade.

Sobre este aspecto, podemos observar questões características referentes às identidades culturais de sujeitos tanto individualmente quanto em associação àqueles que o rodeiam, e desse jeito, evidenciar a multiplicidade étnica e linguística enquanto compreensão

das diferentes formas de produção de língua(gem) e de valorização de sujeitos. Desta forma , não é possível negar a inanição humana em ausência do social como lar do que é, e na procura de seus semelhantes para comprazimento e dos não tão semelhantes para servirem de pilar sustentador de sua identidade mediante grupo ao qual entende pertencer.

Por fim, Bell Hooks (2013, p.223) diz que, “como o desejo, a língua rebenta, se recusa a estar contida dentro de fronteiras. Fala a si mesma contra a nossa vontade, em palavras e pensamentos que invadem e até violam os espaços mais privados da mente e do corpo.” Logo, pode-se dizer que, nesta instância a língua independe de ímpeto e não se restringe a limitações impostas por forças exteriores a sua condição ao passo que reflete uma verdade por alguns ignorada, a língua como coisa não possui arbítrio. E a autora continua a dizer que, “[...]não é a língua inglesa que me machuca, mas o que os opressores fazem com ela” (HOOKS, 2013, p.224).

Tais passagens representam o eixo principal de fundamentação dessa pesquisa, tanto a busca pela defesa das línguas, como os seus substratos sociais, sob a ideia de patrimônio da humanidade, pois sua formação nos leva ao berço de nossa espécie que, em seus primeiros passos, teve no desenvolvimento de tal competência comunicativa a garantia da subsistência e formação de seu caráter social. Sendo assim, é do mais restrito ao mais amplo dos sentidos, que pela fala nos expressamos, através da língua nos comunicamos e produzimos sentido, e é a partir da linguagem que evoluímos de uma juventude primitiva para o que somos, seres sociais, sensíveis e racionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, foram discutidos os processos históricos formadores dos atuais monólitos sociais, de disposições das línguas pelo o universo e de composição da cultura. Desta maneira, buscou-se instigar reflexões sobre as relações existentes entre língua(gem) e cultura como inerentes à condição humana e partes compositoras de identidades culturais, de maneira a promover consciência crítica e social de valorização de sujeitos e de uma heterogeneidade linguística.

Para tanto, se mostrou necessário a composição de uma estrutura histórica que fundamentasse as ideias em discussão e servisse a esclarecer a sucessão de tantos eventos. A começar pela formação do gênero *homo* e sua sociabilidade, tendo em seguida a formulação de uma base discursiva sobre conceitos de língua e linguagem, o detalhamento das incursões europeias e seu modo de operação em territórios descobertos, o colonialismo e seus substratos sociais, a cultura, e por fim, as variações linguísticas como remanescente desses processos.

Assim, fica claro que os temas neste trabalho abordados representam, senão, a decolonialidade em sua essência mais pura. No que tange a constante peleja pela libertação de padrões impostos, porém, não apenas do lado que se faz protagonista, nem também de outro que se diz oprimido, pois não há aqui interesse na escolha de lados mas na promoção de uma identidade humana de harmonia entre povos e compreensão das produções humanas - tais quais as línguas - como bem comum a todos os que as produzem.

Por fim, é necessário ainda dizer que esta pesquisa não se mostra como determinante ou final sobre as pautas que aborda, mas busca transitar entre os campos do conhecimento de maneira a incitar reflexão e o pensamento crítico como meios de dissolução de conflitos e promotores de equilíbrio social, enquanto se compraz em arranhar a superfície de tão complexas estruturas e servir como mais um patamar da constante escalada pela busca de esclarecimento.

REFERÊNCIAS

ABORÍGINES. In: **Dicio**, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/aborigines/>>. Acesso em: 03/02/2023.

ALVES, Ubiratã Kickhöfel; BATTISTI, Elisa. Variação e diversidade linguística no ensino-aprendizagem de língua inglesa na graduação em Letras. **Cadernos de letras da UFF. Niterói, RJ. N. 48 (2014), p. 291-311**, 2014.

BOWN, Stephen R. **1494**. 1ª. ed. São Paulo, SP: Globo, 2013.

BROWN, Steven; ATTARDO, Salvatore. **Understanding Language Structure, Interaction and Variation: an Introduction to applied linguistics and sociolinguistics for nonspecialists**. 2ª. ed. Michigan, US: University of Michigan, 2005.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2002.

DA COSTA, Pedro Henrique Antunes; MENDES, Kíssila Teixeira. A eterna fuga da ningüendade: ofensiva do capital, identidade brasileira e produção de neoninguêns. **Revista Psicologia Política**, v. 20, n. 49, p. 476-489, 2020.

DAMASCENO, Maira; AMORIM, G. Chaves; CARDOSO, D. Refej. **Modernidade/Colonialidade/Decolonialidade: perspectivas teóricas e históricas**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS: Revista TEL, Irati, v. 13, n.1, p. 12-27, 2022.

DIAS, Reinaldo. **Introdução à sociologia**. São Paulo, SP: Pearson Prentice Hall, 2005.

DOS ANJOS, Flávius Almeida. A linguística aplicada, o ensino e a aprendizagem da língua inglesa e o compromisso social. Salvador, BA. **Tabuleiro de Letras**, v. 11, n. 2, p. 110-126, 2017.

FANON, Frantz. **Pele negras, máscaras brancas**. Salvador, BA: EDUFBA, 2008.

FARACO, Carlos E.; MOURA, Francisco M. **Língua e Literatura**. 9ª. ed. São Paulo, SP: Ática, 1999.

FISCHER, Steven Roger. **Uma breve história da linguagem: introdução à origem das línguas**. Osasco, SP: Novo Século Editora, 2009.

HARARI, Yuval N. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. 1ª. ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo, SP: Editora WMF Martins Fontes, 2013

INKSON, Kerr; THOMAS, David C. **Inteligência cultural: habilidades pessoais para negócios globalizados**. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2006.

KUMARAVADIVELU, Bala. Toward a postmethod pedagogy. **TESOL quarterly**, v. 35, n. 4, p. 537-560, 2001.

LEFFA, Vilson J. Metodologia do ensino de línguas. BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. **Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis, SC: E. da UFSC, p. 211-236, 1988.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade**. Coimbra, PT: Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Revista Crítica de Ciências Sociais, 2008.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: *contribuciones al desarrollo de un concepto*. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. (org.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá, CO: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, p. 127-168, 2007.

MIGGE, Bettina; LÉGLISE, Isabelle. Language and colonialism. Applied linguistics in the context of creole communities. In: HELLINGER, Marlis; PAUWELS, Anne (eds.), **Language and Communication: Diversity and Change**. Handbook of Applied Linguistics. Berlin: Mouton de Gruyter. p. 297-338, 2007.

MIGNOLO, Walter D. Pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura: un manifiesto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón. **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá, CO: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, p. 25-46, 2007.

MIKHAIL, Bakhtin. **Estética da criação verbal**. 4ª. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **O que é linguística**. 17ª. reimpr. da 1ª ed. de 1986. São Paulo, SP: Brasiliense, 2007.

PARKER, Geoffrey. **Atlas da história do mundo**. 4ª. ed. São Paulo, SP: Folha de São Paulo, 1995.

PEIXOTO, Rodrigo; FIGUEIREDO, Kércia. Colonialidade do poder: conceito e situações e decolonialidade no contexto atual. In: CASTRO, Edna; PINTO, R. Freitas. **Decolonialidade e sociologia na América Latina**. Belém, PA: NAEA: UFPA, p. 127-148, 2018.

PERSONA. In: **Dicio**, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/persona/>>. Acesso em: 03/02/2023.

REPUBLIQUETAS. In: **Dicio**, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/republicuetas/>>. Acesso em: 03/02/2023.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 12ª reimpr. da 16ª. ed. de 1996. São Paulo, SP: Brasiliense, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 27^a. ed. São Paulo, SP: Cultrix, 2006.

SILVA, Vania M. C. **Pós-método e autonomia de língua inglesa**: uma proposta de avaliação do livro do professor. São Paulo, SP: Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2019.

SIQUEIRA, Gislaine. 54. Inteligibilidade mútua uma análise entre os falantes da língua portuguesa do Brasil e os falantes da língua portuguesa de Portugal: um estudo sociolinguístico. **Revista Philologus**, v. 27, n. 79 Supl., p. 728-37, 2021.

TORE, Janson. **A história das línguas**: uma introdução. 1^a. ed. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2015.